



**Rodrigo Tadeu Gonçalves (trad.) (2021) *Lucrécio. Sobre a natureza das coisas*. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 496p. ISBN: 9786559280797**

*Daniel Falkemback Ribeiro (Universidade Federal da Bahia)*  
danielfalkem@gmail.com

Obra bem conhecida tanto por sua filosofia quanto por sua poesia, *De rerum natura* de Tito Lucrécio Caro não foi agraciada até hoje com muitas versões integrais em língua portuguesa. Essa situação mudou em 2021, com o lançamento da tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves, professor de língua e literatura latinas da Universidade Federal do Paraná, publicada sob o título *Sobre a natureza das coisas*. O volume bilíngue integra a Coleção Clássica da editora Autêntica e, além do texto lucreciano em português e em latim, estabelecido por Cyril Bailey,<sup>1</sup> contém um repertório crítico considerável, algo necessário para tornar mais acessível o poema.

Se seguirmos a ordem dos textos, devemos, antes de tudo, deter-nos no texto de apresentação “Ver com Lucrécio” de Brooke Holmes, classicista da Universidade de Princeton. O título de seu texto já antecipa em parte sua abordagem: “ver” a natureza “com Lucrécio”, partindo de questões muito presentes em nosso cotidiano, como a crise climática e os “falsos mitos” (p. 12). O epicurismo do romano também é relacionado a correntes filosóficas como o materialismo e o pós-estruturalismo. Esse texto está bem conectado com o que o sucede, o prefácio “Lucrécio, nosso contemporâneo” de Thomas Nail, professor de filosofia da Universidade de Denver. Sua visão do poeta romano também

---

<sup>1</sup> Cyril Bailey (1947) *Lucretius. De Rerum Natura*. Vol. I–III. Oxford: Clarendon Press.

privilegia, como indica o título, uma relação com a contemporaneidade, apresentando-o como pensador de “vanguarda” (p. 15) que descreveu fenômenos que só depois foram comprovados pela ciência. Essas declarações nos ajudam a entender qual Lucrécio nos é oferecido, um Lucrécio contemporâneo e ao mesmo tempo antigo ou um Lucrécio poeta e ao mesmo tempo filósofo.

Na ordem, o terceiro texto é a nota prévia do tradutor, na qual Gonçalves parte das razões pelas quais acredita que o poeta que verteu ao português foi ignorado: sua ideia da materialidade e da finitude das coisas, com exceção dos átomos e do vazio; a aversão a uma relação nossa com deuses; e a morte como tópico menor. Contudo, segundo o tradutor, a descoberta de Lucrécio por alguns pensadores parece contornar essa rejeição pelas mais distintas perspectivas e não só no campo da filosofia. A nota também nos fornece dados acerca do tipo de verso adotado pela tradução, uma “versão flexível do hexâmetro datílico brasileiro” (p. 22), definição que exploraremos adiante. De todo modo, o que fica manifesto na nota é a ideia de que trabalhar em português com a especificidade do poema foi o que norteou o projeto do tradutor.

Com essa proposta em vista, entramos no poema com a ideia de que se trata de fato de um poema, não um tratado filosófico que, embora escrito em verso, poderia ser lido como prosa. Essa distinção se revela fundamental para a compreensão do texto e do pensamento nele desenvolvido. Ao contrário da atribuição de “doutrinador” que lhe é comumente dada, Lucrécio parece determinado a explorar sua teoria de forma inovadora, utilizando-se de versos para isso. O poeta enfatiza o caráter poético do seu raciocínio, por exemplo, nos versos 528 e 529 do livro 2: “com os meus versos / já provei que isso é impossível” (*id quod non esse probavi / versibus ostendens*). O papel da poesia em seu pensamento também se evidencia em um símile esboçado do verso 688 ao verso 694 do livro 2, em que a variedade de combinações de “primórdios das coisas” é comparada à criação poética, composta de diferentes palavras e letras.

A terminologia na tradução é um destaque por buscar se aproximar das formulações próprias de Lucrécio, evitando-se, assim, utilizar o termo “átomos” que anularia a variedade lexical do poeta, que a eles se refere como os já mencionados “primórdios das coisas” (*primordia rerum*), “corpos primevos” (*corpora prima*) e outras expressões. Também se sobressaem alguns latinismos que são empregados pelo tradutor e resultam em uma especificidade lexical que

dá relevância para os termos. Vemos esse aspecto através de conceitos como “ânimo” (*animus*), “ânima” (*anima*) e na combinação “ânimo-e-ânima” (*animus atque anima*), que também figura como “ânimo-ânima”. Por vezes, as noções lucrecianas são expressas por neologismos decalcados do latim, como “discídio” (*discidium*) ou “cliname” (*clinamen*). Essa atenção ao uso da língua pelo poeta também se dá em relação a fórmulas específicas, como “vamos, então” (*nunc age*), “não te espantes” (*nimirum* e variantes) ou “inda e ainda” (*etiam atque etiam*), frequentes ao longo do poema.

Antes do lançamento do livro aqui resenhado, passagens da tradução já haviam sido apresentadas em versões um pouco diferentes em um artigo do tradutor,<sup>2</sup> e também em seu livro escrito com Guilherme Gontijo Flores.<sup>3</sup> As considerações delineadas no artigo nos auxiliam a entender seu projeto de tradução aqui resenhado, quando o tradutor afirma que sua prática se contrapõe ao “hexâmetro inflexível de Carlos Alberto Nunes”.<sup>4</sup> Além disso, prevê um poema semelhante a “uma canção”, em que “sílabas naturalmente átonas podem se alongar, ou, em casos extremos, receber acento (ainda que pouco natural), respeitando uma cadência recorrente fundamentalmente hexamétrica”.<sup>5</sup> Até certo ponto, esses princípios seguem valendo na tradução integral da obra, como veremos, atrelados a outros aspectos da expressividade poética de Lucrecio em português.

Como exemplo de combinação de elementos, há este trecho entre os versos 558 e 560 do livro 2: “[...] nem quando sorriem / as seduções do oceano suavissimamente, enganosas, / mesmo assim, se finitos tu crês que sejam os primórdios” (*subdola cum ridet placidi pellacia ponti / sic tibi si finita semel primordia quaedam / constitues [...]*). Aqui podemos observar como a aliteração em /s/ do latim, aliada à aliteração em /p/ no segundo hemistíquio do primeiro verso, expressa-se em português pela aliteração em /s/ e pela nasalização. A alguém talvez pareça que houve uma espécie de perda, por não existir aliteração

---

<sup>2</sup> Rodrigo Tadeu Gonçalves (2016) Tradução e ritmo: *Rêver le vers* de Lucrecio. *MORUS - Utopia e Renascimento*, 11(1), p. 181-197.

<sup>3</sup> Guilherme Gontijo Flores & Rodrigo Tadeu Gonçalves (2017) *Algo infiel: Corpo performance tradução*. Fotografias de Rafael Dabul. Florianópolis/São Paulo: Cultura e Barbárie/N-1 edições, p. 129-130.

<sup>4</sup> Para saber mais do hexâmetro de Nunes, confira João Angelo Oliva Neto (2014) O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: Teoria e repercussões. *Revista Letras*, 89, p. 187-204.

<sup>5</sup> Rodrigo Tadeu Gonçalves (2016) Tradução e ritmo: *Rêver le vers* de Lucrecio. *MORUS - Utopia e Renascimento*, 11(1), p. 187.

em /p/, porém é preciso ter atenção à combinação de /s/ com a nasalização em “seduções do oceano suavissemblante” e à presença de um neologismo. Tal arranjo dá bastante ênfase a essa construção, efeito também presente no latim.

Ademais, é pertinente para nossa avaliação realizar a escansão dos versos 559 e 560 como exemplo do hexâmetro flexível de Gonçalves, com sílabas tônicas marcadas em caixa-alta: “AS seduÇÕES d’oceANO suAvissemBLANT’engaNOsas / MESm’asSIM, se fINItos tu CRÊS que SEjãos priMÓRdios”. De início, sobressai-se no verso 559 o artigo “as”, que não teria tonicidade por convenção, mas é acentuado no metro. Poderia se argumentar que ele funciona como sílaba tônica no verso devido à leitura hexamétrica condicionada por versos anteriores. Ao contrastar esse verso com o seguinte, em que a primeira sílaba é comumente tônica (“mesmo”), o metro seria frisado de novo a quem ler o poema.

No hexâmetro de Nunes, devido a seu esquema mais regular, pressupõe-se que, mesmo que se trate de uma palavra ou sílaba não acentuada normalmente, seu posicionamento no começo do verso já é suficiente para que saibamos que ela deve ser tônica. Devido à flexibilidade maior do Lucrécio vertido por Gonçalves, em que o esquema de Nunes é revisto, outro resenhista da tradução chega a considerar seu hexâmetro flexível demais e a tratá-lo como “verso livre”.<sup>6</sup> De fato, a leitura em voz alta do poema traduzido demanda bastante atenção às divergências da tonicidade comum das palavras. Caso tenhamos em mente os “casos extremos” citados, veremos que eles são, na verdade, muito frequentes.

Embora haja muitas amostras disso, decidimos nos concentrar, devido ao limite de espaço desta resenha, no verso 1282 do livro 5: “Mêmio, poderás saber com facilidade” (*sit facilest ipsi per te cognoscere, Memmi*). A fim de tratá-lo como hexâmetro, teríamos que ler o verso assim: “MÊMio POdeRÁS saBER com FACiliDAde”. Há duas palavras em que, além da tônica convencional, há uma segunda sílaba acentuada que, de acordo com a poética do tradutor, deveria ser lida de fato como tônica (as primeiras sílabas de “poderás” e “facilidade”). Com efeito, esse tipo de verso, bastante alterado em relação à prosódia comum do português, é recorrente no poema traduzido. O distanciamento frequente da prosódia cotidiana torna o poema peculiar em português, sobretudo se

---

<sup>6</sup> Saulo Santana de Aguiar. Resenha de Rodrigo Tadeu Gonçalves (trad.) *Lucrécio. Sobre a natureza das coisas*. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, 10(2), 2022, p. 9.

incorporarmos a esse quadro os já mencionados latinismos. Esse fator também, é claro, oferece dificuldades a quem já esteja acostumado à regularidade do hexâmetro de Nunes ou de outras traduções que se utilizem desse metro.

Apesar desses desafios, em sua versão em português, Lucrécio seguramente se manifesta em sua poeticidade a qualquer pessoa que o leia. Embora tenhamos essa certeza, os pontos levantados nos levam a questionar: até que ponto seu hexâmetro vernáculo é o hexâmetro vernáculo que já conhecemos? Quando um tipo de verso se transforma em outro? São perguntas que não podemos responder com facilidade, sendo matéria de debate para teorias da literatura e da tradução. A impossibilidade de resposta imediata, entretanto, não anula o fato de que o texto traduzido gere essa discussão. Isso não deixa de confirmar a existência de um ritmo próprio, intrigante ou não, característico do Lucrécio em português que nos foi apresentado por seu tradutor.

O volume também nos oferece notas de fim de texto referentes, em sua maioria, a escolhas particulares ao estabelecimento do texto latino adotado e a relações textuais que podem ser tecidas entre distintas partes do poema. Cabe ressaltar que há alguns equívocos na organização desses comentários, como na nota 156, situada no verso 799 do livro 2, e não no verso 805, em que faria sentido. Também há notas que repetem informações já dadas antes, como é o caso da nota 175, quase idêntica à nota 14, ou que aparecem somente depois da primeira ocorrência de um determinado termo, como a nota 132, por exemplo. São evidentemente erros aceitáveis em um trabalho de tal dimensão. O problema maior das notas, ao nosso ver, seria a pouca bibliografia citada nas notas, baseadas nos comentários de Bailey em quase sua totalidade, com exceção das observações do próprio tradutor. Fazer referência a outros comentaristas forneceria um espectro maior de possibilidades de compreensão do texto.

Ao fim do volume, resta-nos um posfácio, “*De rerum natura*, um petardo filosófico” de Lucas Lazzaretti, doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Seu título alude à qualidade de “petardo” de Lucrécio a qual, embora não explicitada no texto, talvez se refira a um caráter explosivo da obra. O texto, contudo, limita-se a ser um ligeiro panorama da recepção filosófica do autor romano, com informações um pouco vagas. Apesar disso, serve-nos, ao fim da leitura da tradução, como retomada de algumas ideias presentes no poema.

Em conclusão, podemos dizer que *Sobre a natureza das coisas* se revela um livro fundamental para o público leitor de língua portuguesa. Avaliando o texto traduzido a partir do que apreendemos de seu projeto de tradução, vemos que o *Lucrécio brasileiro* de Gonçalves é um texto ímpar. Trata-se de uma proposta audaciosa de tradução que se efetiva de modo inovador, exigindo sua leitura como poesia. Ao longo da história, a filosofia foi feita sob diversas formas, como o diálogo platônico e os fragmentos do *Pólen* de Novalis. A poesia hexamétrica é uma dessas formas e, como se vê em *Lucrécio*, pela tradução de Gonçalves, pode nos servir bem para esse fim.

*Data de publicação: 13/09/2024*